

Níveis no Processamento da comparação no Português Contemporâneo e Padrões Funcionais de *como*

Maria Célia Lima-Hernandes

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Universidade de São Paulo (USP)
mceliah@usp.br

Abstract. This paper discuss comparative constructions data of the carioca Portuguese from perspective of unidirectionality hypothesis. The analysis of the word como presents five functional uses and this result start again the old controversy about the unidirectional gradient of grammaticalization.

Keywords. Grammaticalization; unidirectionality; comparative constructions.

Resumo. Neste artigo, analisam-se dados do português carioca à luz da hipótese da unidirecionalidade aplicada às estratégias comparativas ensejadas pelo item como. O resultado é a identificação de cinco padrões funcionais, cuja distribuição ressuscita a polêmica sobre níveis de processamento e graus de gramaticalização.

Palavras-chave. Gramaticalização; unidirecionalidade; construções comparativas.

Introdução

Aos diversos empregos do item *como*, dentre outros, subjaz um processamento mental de base comparativa, uma função básica da mente do indivíduo já desde idades bem tenras de aquisição da língua. Muito do que decorre de estímulos sociais é resultante de uma prévia operação de reconhecimento por analogia.

Esse processo de comparação é uma atividade comum em todos os indivíduos e a diferença etária é percebida, muitas vezes, pelo tipo de estratégia de codificação lingüística operada, pois, para uma estruturação lingüística complexa, é necessária a articulação de compartimentos cerebrais desenvolvida com a progressão da complexidade e a associação de intermódulos mentais (Del Nero 1997: 74). Além de um processamento cerebral, conta-se, ainda, com o conhecimento prévio que fornecerá a moldura associativa. Esse conhecimento, contudo, é um ganho gradual e natural, cumulativo e dependente da capacidade de abstrair, como defende Salles (1979: 181): "A comparação é um processo de conhecimento. Sua finalidade: levar a conhecer e a saber. Organiza-se na inteligência e projeta-se na língua no interesse do usuário (...)".

Ainda segundo esse autor, que estudou as várias estratégias de comparação no nível do discurso, a comparação "é um meio para atingir um fim: conhecer, avaliar o mundo, compensar", constituindo, dessa forma, uma atividade básica do ser humano.

Os caminhos pelos quais o indivíduo pode estabelecer a tarefa de comparar são vários, mas todos, sem dúvida, estão circunscritos a uma atividade, antes, sensorial de

observação, seguida de uma justaposição de elementos num processamento cognitivo, que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emolduramento pragmático.

As formas disponíveis para a manifestação da comparação podem ser muitas e diferentes em complexidade, no entanto a atividade cognitiva é a mesma: o modo como as pessoas vêem os objetos e o modo como processam as informações vincula-se estreitamente com a história individual e com a história de desenvolvimento do ser humano.

Paschoal (1992), que estudou o processo de compreensão da metáfora, afirma que o primeiro estágio para que essa compreensão se estabeleça é o da percepção da ruptura entre os elementos envolvidos. Já, o processo de compreensão da comparação, que toma como primeira etapa a aproximação por similaridade, está cognitivamente num estágio anterior de aquisição pelos usuários da língua.

Nessa direção também caminhou o estudo de Votre & Rocha (1996) ao estabelecerem correlação entre produtividade de metáforas² e o grau de escolaridade de estudantes. Observaram que, à medida que o domínio lingüístico aumenta, maior é o número de metáforas produzidas.

1. Processamento comparativo e seus níveis de processamento

Na literatura sobre as estratégias associadas ao processamento comparativo, não é difícil notar que a codificação dessas noções é variada nas línguas. Heine (1997: 109)³, por exemplo, indica sete noções distintas envolvidas nesse processamento⁴. Embora algumas das noções possam ser questionadas como exemplos de orações comparativas, de fato não se pode negar que mesmo um período simples, dito num tom assertivo com relação a um indivíduo (ainda que não explicita outros indivíduos - como alvos de comparação), pode ter contado com um processamento cognitivo prévio de base comparativa.

Ao que parece, é uma necessidade comunicativa a marcação de graus de igualdade entre os elementos. Então, entre objetos (animados ou não) que compartilham muitas, mas não todas as características, haveria uma sinalização da subjetividade do falante, como se codificasse lingüisticamente seu reconhecimento da distância gradual, ainda que mínima seja. Entre idéias e fatos não totalmente idênticos em características, essa gradiência seria usada para aproximar duas informações em uma única estratégia discursiva: o que de fato ocorre; e o julgamento do falante sobre o fato visto. Salvo engano, essas estruturas com alto grau de subjetividade teriam uma função semântica de assinalar a posição ocupada na gradiência de não-identidade estabelecida na escala de dois objetos possivelmente complexos, tal como argumentou Stassen (1985: 24, *apud* Heine 1997: 111).

Algumas palavras simplesmente favorecem o processamento comparativo por conterem em si a idéia de relação. É o que ocorre com os verbos preferir e gostar, que implicam a imediata justaposição de elementos e, conseqüentemente, a necessidade de se fazer uma opção.

(1) E: É, uma comida que você mais gosta, que você faz.

Inf.: Eu gosto mais de arroz com feijão. (PEUL)

No fragmento de diálogo, a preferência é ativada por intermédio da expressão verbal gostar mais, implicando a idéia de gostar menos de outros elementos não-citados. Essa particularidade também peculiar a outras palavras, tais como mesmo, que faz o interlocutor ativar um quadro de informação prévia, de modo a relacionar elementos já citados ou não, mas que podem ser, num processamento de recuperação, reativados mentalmente. É o que se vê na receita passada pela informante carioca E36 e, ainda, no emprego da palavra igual pela informante também carioca E43, ambas entrevistadas para o Projeto PEUL.

(2) Aí a mesma quantidade daquela pasta eu boto de açúcar. (E36)

(3) Você só presta se você é igual a mim, se você tem a mesma cor de pele, se você tem o mesmo pensamento. (E43)

Quando formula sua pergunta à informante E04, com o fim de obter um novo veio sobre o qual a conversa poderá girar, a entrevistadora opta pela inclusão do termo tipo, vago o suficiente para reforçar a ativação do processamento de comparação desencadeado pela expressão gosta mais sem que isso resulte numa estrutura complexa de subordinação no plano da codificação lingüística:

(4) E: Que tipo de novela que você gosta mais? Assim, que tenha bastante drama ou uma, assim, que acabe bem?

Inf.: Ah! Gosto umas que acabe bem! (PEUL)

Sendo tipo um delimitador, conforme demonstrou Moraes de Castilho (1991), em seu plano cognitivo consta a operação de, num conjunto amplo e vago, portanto genérico, selecionar um enquadramento pragmático possível à resolução do problema. Na resolução do problema "que tipo de novela gosta mais", a informante opera o processamento de comparar. Função similar pode ser depreendida do emprego de termos, como maior, menor, menos, mais, diferente, melhor, pior e também com os qualificadores barato, caro, rico, pobre, alto, baixo, gordo, magro, que representam características peculiares somente no emolduramento pragmático que permita a atividade de cotejo. Esses poderiam ser considerados, a exemplo da análise de Wouden⁵ (1987) e de Lima-Hernandes & Galvão (2005), em estudos sobre a polaridade, operadores nulos.

A expressão da comparação, contudo, manifesta-se em níveis variados de complexidade estrutural. Assim é que se pode manifestar a comparação por meio de orações simples com a inclusão de termos que se dispõem a esse processamento (por ex.: o verbo preferir, anteriormente citado). Pode-se também estabelecer a comparação por intermédio da aproximação de orações num período composto, cujas informações são justapostas para o encaminhamento da operação de comparar através de conjunções específicas.

Além dessas estruturas, há, ainda, a comparação realizada no plano argumentativo⁶, em que a comparação desempenha uma função textual de grande importância na malha argumentativa durante a conversa:

(5) Inf.: O outro meu filho é alto, sabe? E forte, é alto. Esse é baixinho, né? O outro não, o outro é alto, tem um metro e oitenta e cinco. (E36)

Nesse nível, lança-se mão dos operadores outro e esse, que estabelecem o contraste necessário ao encaminhamento da operação de comparar. Efeitos semelhantes

são provocados pelos usos de aproximações temporais, como antigamente...agora, antigamente... hoje: "E36: Antigamente escondia, hoje não, você vê na rua, conhece logo, né?".

Embora a combinação de orações pela relação de comparação se dê freqüentemente pelo emprego da conjunção como⁷, é possível observar sua atuação entre porções discursivas. Essa relação pode ser apreendida em correlações do tipo: de uma parte... de outra parte, se de um lado.... de outro.

2. Deslizamentos funcionais do item *como*

Alguns autores de formação clássica (Irmãos Maristas, 1961:268, a título de exemplo) alertam para o fato de que, em português, é comum a estratégia de substituir os conectores como e assim como pelo uso da conjunção condicional se:

(6) Se o fogo experimenta o ouro, a adversidade experimenta os homens virtuosos.

(6a) Como o fogo experimenta o ouro, a adversidade experimenta os homens virtuosos.

A inversão da ordem não altera a relação analógica entre as duas ações, entretanto a noção de modo é muito mais nítida em alguns exemplos. O fato é que a relação de analogia entre eventos manifesta-se por caminhos e níveis diversos. Essa constatação faz pensar sobre dois fatos: a regra variável captada nesses usos e a fluidez semântica entre algumas categorias.

Algumas noções estão associadas à comparação, e as evidências ultrapassam o emprego de conector similar. Uma questão relevante, aliás, diz respeito ao tratamento a ser concedido às orações/conjunções nas gramáticas de língua portuguesa. Cumpre mencionar, como exemplo de polêmica entre os gramáticos, a proximidade entre as noções comparativas e conformativas.

Numa breve comparação feita entre autores de épocas distintas (Almeida 1969, Cegalla 1971 e Neves 2000), já se constata a padronização de uso das conjunções conformativas (como, conforme, segundo e consoante). Nem todos os autores (por exemplo, Cruz s/d) reconhecem orações conformativas como um grupo independente, mas me parece que isso já é reflexo de uma tradição gramatical. Maurer Jr. (1959:221-7), em seu trabalho de reconstituição da gramática do latim vulgar, descreve dentre as orações circunstanciais somente duas de base comparativa (modal e comparativa). Não faz menção, portanto, às conformativas.

É possível que a ausência dessas conjunções seja motivada pela sua pouca discreta categorização, que, por sua vez, decorre da indissociação do processamento comparativo: a operação necessária para se chegar à idéia de conformidade é bastante complexa e envolve, de pronto, a justaposição⁸ de dois ou mais elementos, que serão posteriormente cotejados. Em muitas sentenças, essas noções estão sobrepostas e não podem ser, com segurança, classificadas somente como comparativas ou conformativas.

Segundo Cunha & Cintra (1985:571), as fronteiras das noções associadas à comparação se alargam se forem incluídas as proporcionais, que, junto com as comparativas e as conformativas, não são distinguidas nas gramáticas do português de Portugal. Fica fácil compreender o que ocorre quando um dado como o seguinte é analisado: "E quanto mais eu aprendê aqui, mais eu tô tomando o caminho" (PEUL).

Nele a proporção é marcada, num estágio primitivo, por uma comparação, para se chegar a uma conclusão de paralelo proporcional. A expressão "mais aprender" é o ponto de ancoragem para o resultado concomitante expresso em "mais tomar o caminho". As duas idéias são alinhadas sintaticamente e, pela noção de proporcionalidade inserida, a dependência semântica se instaura. Para que a segunda ocorra em proporção, a primeira deve ser efetivada.

Alguns autores discutem a sobreposição semântica ou, como prefiro, o deslizamento funcional, focalizando como condicionadora a idéia subjacente de contraste. É o que faz Morais (1972-73) ao tratar das orações adverbiais. A partir de dados colecionados, o autor observou que algumas conjunções tradicionalmente classificadas como temporais poderiam introduzir o valor contrastivo na relação de comparação. Isso é mais evidente, segundo o autor, nas sentenças em que está presente a simultaneidade temporal entre os eventos expressos. O resultado dessa aproximação de eventos é a instauração de um contraste tão forte que torna a noção de tempo enfraquecida na interpretação. O exemplo oferecido pelo autor é o seguinte: "enquanto cristãos deixavam perecer à mingua uma desgraçada, tu [um mouro] a salvavas"⁹.

Analisando esse exemplo, Morais afirma que o termo enquanto não equivale a "ao mesmo tempo que", razão por que tem comprometida sua noção original de tempo. Concomitante a esse fato, as oposições lexicais perecer/salvar e cristãos/mouros evidenciam contrastes. Também nesse artigo, o autor fala em adjuntos adverbiais de comparação contrastiva, em que se utilizariam expressões, como ao contrário de, ao inverso de, à diferença de, contrariamente, e apresenta um exemplo de José de Alencar: "a órfã, ao contrário da filha do capitão-mor, tinha uma dessas naturezas que não sabem viver em si e para si"¹⁰.

Ao que parece, os contrastes em orações subordinadas permitem a operação comparativa, o que torna opacos os limites da categorização tradicional. Isso é mais evidente no emprego das conjunções enquanto, enquanto que, entretanto que, entanto que, ao passo que, quando (às vezes): "mocinhas supõem comprar romances, quando na realidade estão se provendo de noções da eterna e tenebrosa ciência de amar"¹¹. A noção contrastiva é ensejada pela presença de termos que permitem esse contraste.

Na identificação de dados em entrevistas, a simples seleção de elementos comparativos é uma tarefa delicada, haja vista que as fronteiras entre conectores muitas vezes desaparecem.

Na relação entre as orações, a palavra como - e as demais palavras de noção comparativa - parece sinalizar a moldura sobre a qual o falante constituiria uma verdade concebida após um processamento de ordem cognitiva. O deslizamento funcional para uma relação causal também partiria do enquadramento comparativo realizado. Ex.: Como durmo muito cedo, também acordo cedo. Haveria na base informacional uma comparação que não seria determinada pela relação puramente sintática entre orações, mas, sim, no plano psicológico, uma vez que o falante situa o evento de "acordar cedo" como repetível e correlato ao evento de "dormir muito cedo".

Seria relevante, neste momento, saber as relações entre as orações de causa introduzidas por como e as relações de comparação. Por isso, duas questões impõem-se: teria a palavra como, nas estruturas causais, derivado de leitura comparativa? teria a causal como surgido da prévia comparação entre eventos repetíveis? O que se pode afirmar, até o momento, é que a comparação tem em seu processamento mental

(portanto prévio) uma atividade básica do ser humano, pressupondo um paralelo entre entidades/referentes/eventos. Certamente, a ocorrência de processamento similar em outras manifestações lingüísticas pode facilitar esse deslizamento funcional da palavra como.

Se a condução do raciocínio desenvolvido estiver correta, os deslizamentos funcionais de como serão derivados de uma base comparativa e os padrões identificados podem conduzir o analista à rota de gramaticalização de como.

2.1 Padrões funcionais - Rotas de Gramaticalização?

Etimologicamente, a palavra como provém de um advérbio de modo, empregado nas sentenças para sinalizar o modo do evento. Sincronicamente, é considerado item polissêmico, por admitir o emprego em contextos funcionais diversos. É o que constatamos ao analisar dois *corpora*¹², a partir dos quais identifiquei cinco padrões funcionais de como:

a) Como1 (ambíguo - advérbio de modo/conjunção) - este subgrupo de dados apresenta uma função ambígua: ao mesmo tempo é advérbio da oração subcategorizada por verbo transitivo direto e conjunção que liga as duas orações. A oração principal apresenta um verbo de atividade mental, de atitude ou de estado. É parafraseável por "de que modo".

(7) a pessoa pensa só que vai sê feliz, que vai tê saúde (inint) nun pensa no amanhã, num pensa se ela morrê como é que vai ficá a família, né? (E63-Peul-Amostra00)

b) Como2 (preposição exemplificativa) - Este grupo inclui ocorrências prepositivas de dois tipos: exemplificativa propriamente dito e pseudocomparativa. No primeiro caso, como desempenha função de introduzir exemplos/enumerar elementos em cadeia. Antecede-o um SN indefinido e pode ser parafraseado pelas expressões "por exemplo" ou "quais sejam".

(8) É o mal do século. A televisão, por incrível que pareça, ela é uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que ela instrui a uma criança em programas bons como o (ruído) sítio do pica-pau amarelo, ela também passa, toda noite, um filme de violência. (E48- Peul -Amostra 80)

O segundo conjunto de dados assemelha-se formalmente às comparativas por relacionar dois elementos, que, na verdade, constituem uma única entidade, o que configura casos de pseudocomparação. O segundo elemento é um pronome demonstrativo que sinaliza o seu valor endofórico (o alvo de comparação é retomado - anafórico) ou exofórico (o alvo de comparação é uma informação compartilhada ou pressuposta).

(9) Não tá ai, saiu pra procurar emprego, tá desempregado, o filho maior... ai dizendo que um dia eles comem, passa dois, três, cinco meses sem ter o que comer. Ah, numa terra rica como essa não é possível ! É todo mundo a roubar.(E33- Peul - Amostra 00)

c) Como3 (preposição/conjunção) - este subconjunto engloba usos ambíguos de como. Ao mesmo tempo em que é preposição que sinaliza uma restrição, uma exemplificação (o falante precisa estabelecer um recorte de função/papel que será focalizado), permite

uma leitura conjuncional (dois elementos são incluídos numa estrutura sintática em que o verbo pode ser compartilhado). Uma paráfrase possível é "na qualidade de".

(10) um colega de trabalho que trabalha comigo que ele tem vinte anos de casa e num progrediu, de tê uns dez anos no mesmo lugar, entendeu? então ele deve ter entrado como arquivista, sei lá e progrediu um pouco mais e ficô naquilo, não chegou a chefe [de]... da chefia nem nada.(E63- Peul -Amostra 00)

d) Como4 (conjunção) - Este conjunto inclui casos em que como assume a função de conectar orações. É um item particularmente polissêmico sinalizando as relações de conformidade, causalidade, comparação e, em alguns casos, ligando dois constituintes, a exemplo do que ocorre numa oração coordenada aditiva.

(11) o espaço da cidade, não é mais o mesmo, é um espaço, violento né, então você já não pode bater perna na rua, como você batia e o Rio de Janeiro é uma cidade adorável pra você bater perna né. (E11- Nurc - Recontato)

e) Como5 (discursivo - marcador) - Este subgrupo inclui os enunciados em que como sinaliza a inclusão de subtópico sobre o qual o falante discorrerá, de uma autocorreção ou, mesmo, sinaliza a manutenção do turno conversacional.

(12) Dificilmente, talvez, um buraco, amigo, com parentes, com minha sogra, que tá velhinha, oitenta e oito anos e tal, eu vou lá, mas, realmente não, não sou chegado. Já frequentei, como diz, já viajei nesses países aí, da América do Sul (E52- Nurc - Recontato)

Conclusões

Note-se que os cinco padrões funcionais foram organizados segundo a hipótese da unidirecionalidade. Essa organização pode refletir (ou não) a rota de gramaticalização assumida por esse item ao longo do tempo. A grande pergunta que precisa ser respondida diz respeito ao estatuto da mudança observada: o marcador discursivo corresponderia a padrão mais gramaticalizado do que o conjuncional? As respostas não são uníssonas. Uma grande vala se abre entre lingüistas: alguns defendem ser um caso de gramaticalização; outros, um caso de discursivização; e outros, ainda, defendem que gramaticalização é um fenômeno mais geral que abarca também os casos de discursivização, fenômenos mais específicos. O encaminhamento da análise desenvolvida neste artigo assenta as rotas observadas num único continuum de abstratização, pois a diferença, acredito, traduz-se em níveis e não propriamente em fenômenos inconciliáveis.

Notas

1 Metáfora é aqui concebida como uma ferramenta que permite ao usuário retomar sua experiência prévia de modo a organizá-la em termos de sua proeminência. Assim, colocam-se lado a lado temas mais familiares e menos familiares, a partir dos quais se processará a informação. O menos conhecido será, então, conhecido em termos do já conhecido (cf. Maalej 1999).

2 Heine sintetiza as propostas de Ultan (1972), Andersen (1983) e Stolz & Stolz (1994).

- 3 a) positiva (David is smart); b) equativa (David is as smart as Bob.); c) comparativa de superioridade (David is smarter than Bob.); d) comparativa de inferioridade (David is less smart than Bob.); e) superlativa (David is the smartest.); f) elativa (David is very smart.); g) excessiva (David is too smart.).
- 4 Wouden (1997) evidencia a existência da polaridade negativa marcada por operadores nulos, ou seja, existiria um tipo de polaridade negativa interna ao verbo, conforme exemplo: I doubt that he will invite anybody. Nele, o verbo doubt (duvidar) detém polaridade positiva em menor grau do que, por exemplo, o verbo dizer. Essa carga positiva mais restrita serviria como evidência de que nem sempre é necessária a presença formal de um item de polaridade negativa para que a polaridade se efetive.
- 5 Toda comparação, em sentido lato, tem caráter argumentativo. Assumo, contudo, o rótulo argumentativo no sentido estrito de termo que acumula uma função coesivo-textual.
- 6 As orações complexas comparativas do português incluem o conector de uso não-marcado como, numa estrutura de verbo de ligação.
- 7 Justaposição, aqui, remete ao ato de expressar duas informações seguidamente (ou, se preferir, lado a lado) numa aproximação que culmina em cotejo. Não há, assim, nenhuma conotação de processo sintático, uma vez que normalmente vem explícito, no período, o nexos.
- 8 Exemplo extraído da obra *O monge de Cister*, de Alexandre Herculano, 1907, volume I, cap.V, p.94.
- 9 In: *O sertanejo*, cap. XIX, p.173.
- 10 In: *Fala, Amendoeira*, "Nobre Rua São José" p.20, de Carlos Drummond de Andrade.
- 11 Os informantes foram gravados em dois momentos com intervalo médio de duas décadas. Trata-se de entrevistas com cariocas, com perfis sociolinguísticos distintos. Os informantes do Projeto PEUL, mais heterogêneos quanto ao grau de escolaridade, e os informantes do Projeto NURC, todos com curso superior de áreas diversas. Neste artigo, estabeleci um recorte para a discussão: restrinjo-me a apresentar as discussões que circundam a descrição dos níveis e padrões comparativos do item como, despojadas, contudo, de qualquer incursão sociolinguística. Essas podem ser buscadas em Lima-Hernandes (2005).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1969.
- CEGALLA, Domingos P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1971.
- CRUZ, Marques da. *Português prático*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DEL NERO, Henrique S. *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization as an Explanatory Parameter. In: PAGLIUCA, William (ed.) *Perspectives on Grammaticalization. Current Issues in Linguistic Theory* (109) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1994 (pp.255-287)

- IRMÃOS MARISTAS. Gramática latina. São Paulo: Ed. Brasil, 1961.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como - sincronia e diacronia. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.
- _____ & GALVÃO, Vânia Casseb. Polaridade no encaixamento. In: KEMMLER, Rolf; SHÄFER-PRIEB, Barbara; SCHÖNBERGER, Axel (eds.) Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichtsschreibung. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2005.
- MAALEJ, Zouhair. Metaphoric discourse in the age of cognitive linguistics, with special reference to Tunisian Arabic . Journal of literary semantics. XXVIII, 1999. (pp.189-206)
- MAURER JR., Theodoro Henrique. Gramática do latim vulgar. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. Os delimitadores no português falado no Brasil. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1991.
- MORAIS, Clóvis Barleta de. "Alguns tipos de orações subordinadas adverbiais". In: Alfa (18/19), Marília: FFLC de Marília, 1972-73.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de Usos do Português. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- PASCHOAL, Mara Sofia Zanotto de. "O processo de compreensão da metáfora na formação dos professores de língua materna". In: PASCHOAL, M.S.Z. & CELANI, M.A.A.(orgs.) Lingüística Aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992.(pp.233-246)
- SALLES, Miguel. Um estudo sintático-semântico da comparação em português. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1979.
- VOTRE, Sebastião Josué & ROCHA, A.R. "A base corporal da metáfora". In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- Wouden, Ten van der. Negative contexts: collocation, polarity and multiple negation (Routledge Studies in Germanic Linguistics) London & New York: Routledge, 1997.